

DICIONÁRIOS E ETIMOLOGIAS

Horácio Rolim de Freitas
ABF

Os dicionários da Língua Portuguesa, ainda que não etimológicos, se arvoram em apresentar a etimologia. É tarefa difícil, pois exige atualização do autor ou da equipe de trabalho. Pode-se argumentar que basta consultar os dicionários etimológicos. Será? Eis o ponto cruciante em Portugal e no Brasil: a falta de um dicionário etimológico atualizado com os estudos que se têm feito nesse campo. Trabalho ingente que não tem despertado o devido interesse, haja vista os poucos existentes.

O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes, teve sua 1ª edição em 1932, merecendo o prefácio de Meyer-Lübke, o autor do monumental e indispensável *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, mais conhecido como REW. Nascentes não pôde atualizá-lo, pois a preciosa fonte, o REW, teve sua 3ª edição em 1935, um ano após a morte de seu autor. Em 1966, Nascentes publica, pelo Instituto Nacional do Livro, o *Dicionário Etimológico Resumido*, com o registro do étimo sem comentários. Apesar de passados já 70 anos (1932- 2002), a obra de Nascentes ainda é de consulta indispensável. Contudo, as lacunas e deficiências que existiam continuam.

Em 1952, José Pedro Machado publica, em Portugal, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, organizado por famílias de palavras. O grande mérito reside, principalmente, nas abonações e na datação da entrada da palavra na língua. O autor cita a obra de Antenor Nascentes em sua bibliografia. Trabalho de grande mérito, apesar de não solucionar as dúvidas e lacunas encontradas em Nascentes.

Em 1982, A. Geraldo da Cunha publica o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, obra que se esperava estivesse mais atualizada. Na bibliografia constam os dicionários de A. Nascentes e de Meyer-Lübke.

Como explicar a não atualização de um dicionário etimológico? É o que procuraremos explicar a seguir.

A. Nascentes foi criticado por ter publicado a 1ª edição de seu dicionário (1932) antes da 3ª edição da obra-fonte de Meyer-Lübke (1935). Esta foi uma dentre outras causas. Duas outras são de capital importância: domínio do latim corrente para os vocábulos advindos dessa língua e conhecimento dos estudos realizados no campo da etimologia em obras nacionais e estrangeiras.

Apesar de nomes insígnies no campo filológico, em Portugal e no Brasil, poucos conheceram o latim corrente em profundidade, as idéias culturalistas e souberam, cientificamente, descortinar a história das palavras como Serafim da Silva Neto. Logo, conhecer-lhe as obras constitui a fonte indispensável para a atualização no campo etimológico.

Para o domínio do latim corrente é preciso conhecer-lhe as fontes, como, por exemplo: *Appendix Probi*, *Peregrinatio Aetherae ad Loca Sancta*, *Satiricon*, *Mulomedicina Chironis*, dentre outras, bem como trabalhos em revistas e livros especializados que constituem estudos daqueles textos. Eis o grande domínio de Serafim da Silva Neto. Em 1938, publica a obra *Fontes do Latim Vulgar*, um comentário das 227 palavras que compõem o *Appendix Probi*¹, texto provavelmente do séc. III ou IV.

Pelas datas verifica-se que Antenor Nascentes não teve a obra de Serafim como fonte de atualização em seu dicionário. Tal justificativa, contudo, não pode ser admitida para as obras publicadas posteriormente. A referida obra de Serafim teve uma 2ª edição em 1944 e uma 3ª ed. em 1956.

Em 1957, vem a lume a *História do Latim Vulgar*, sob os princípios culturalistas, principalmente emanados de um Schuchardt, onde Serafim tem oportunidade de posicionar-se sobre a etimologia de diversas palavras, sempre sob uma ótica científica. Para o conhecimento da história das palavras o pesquisador deve entrosar a Filologia com a Sociolinguística, o Folclore e a Literatura. No dizer de Serafim: “Dicionário que não faça a história das palavras não passará de um simples catálogo”(apud *Manual de Filologia Portuguesa*, pág. 354).

Cada palavra tem a sua história, percalços e, muitas vezes, dificuldades em sua trajetória no tempo e no espaço. Daí a lição de Serafim: “O fenômeno

¹ *Appendix Probi* - Usamos, aqui, *Appendix* como masculina, da maneira como Serafim da S. Neto emprega a palavra. Outros autores, como Sílvio Elia, preferem a forma feminina: a *Appendix*. Explique-se que, no latim erudito, o gênero era feminino: *appendix*, -icis, s. fem. Houve mudança de gênero e a palavra entrou em nossa língua já como masculina, como confirma sua datação no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado – em 1757 – “Com *hum Appendix Considerações...*”, bem antes da publicação do texto, que é de 1837. Portanto, ambos os gêneros são admitidos.

lingüístico, longe de ser linear e simples, (como julgavam os neogramáticos) era complexo e, não raras vezes, uma linha quebrada e sinuosa” (apud *Língua, Cultura e Civilização*, pág. 41).

Outra obra de leitura obrigatória é a *História da Língua Portuguesa*, cuja 1ª edição é de 1952. Nada igual ou melhor se fez em Portugal ou no Brasil. E como bem a classificou o Prof. Sílvio Elia: “Trata-se de trabalho ciclópico” e “obra ímpar em nossa cultura”. Teve uma 2ª edição em 1970, ainda por Livros de Portugal, com apresentação de Celso Cunha. Em 1979, a Presença Editora traz a público a 3ª edição, com prefácio de Sílvio Elia, apresentação de Celso Cunha, índice de palavras organizado por A. G. Cunha e índice onomástico por Raimundo Barbadinho Neto. Essa obra descreve com mestria a história e a cultura de nossa língua. Nela encontramos a explicação etimológica de inúmeras palavras. Destaque-se o capítulo sobre a origem dos dias da semana e o precioso sobre a metáfora. Seguem-se outras obras de Serafim da Silva Neto cujas lições não podem ser desconhecidas: *Manual de Filologia Portuguesa*, 1952, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1956, ambas editadas pela Livraria Acadêmica; *Ensaio de Filologia Portuguesa*, Editora Nacional, 1950, e *Língua, Cultura e Civilização*, Livraria Acadêmica, 1960.

Pela segurança no conhecimento, pelo critério científico e pela visão culturalista, as obras de Serafim da Silva Neto devem ter prioridade no acervo bibliográfico de todo consciencioso pesquisador no campo lingüístico-filológico.

Mas voltemos aos dicionários. À exceção de Antenor Nascentes, cuja obra é anterior aos estudos de Serafim da Silva Neto, cabem restrições de caráter científico à obra de A. G. Cunha, publicada em 1982. Apesar de nomear nas fontes bibliográficas o *Manual de Filologia Portuguesa* e a *História da Língua Portuguesa*, verifica-se, facilmente, que a equipe de pesquisadores não leu as obras do mestre, limitando-se às explicações etimológicas do séc. XIX, sem o respaldo do Culturalismo. Como deixar de consultar, num trabalho de pesquisa histórica da língua, as obras: *Fontes do Latim Vulgar* e *História do Latim Vulgar*?

Vê-se, daí, quão difícil é o trabalho lexicográfico, principalmente no campo da etimologia. Requer leitura constante e atualização, além da perspicácia científica. Mesmo que o dicionário não seja etimológico, se se propõe apresentar as etimologias, deve-se fazê-lo de maneira atualizada sob os princípios científicos.

Há pouco, publicou-se, em 2001, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o maior em número de entradas da língua portuguesa. Trabalho de fôlego e de mérito indiscutível sob a orientação de seu idealizador, o mestre

Antônio Houaiss, filólogo dos melhores e de cultura vastíssima. Contudo, no que se refere à etimologia, o nível não condiz com os outros campos da obra. Algumas explicações, além de desatualizadas, são primárias.

Esta introdução referiu-se à confecção de dicionários e às fontes bibliográficas. Analisemos alguns fatos de língua, com alguns verbetes exemplificativos, comparando os critérios utilizados pelos dicionaristas aqui citados com os trabalhos de Serafim da Silva Neto e de Meyer-Lübke.

Consoantes Geminadas

Sabe-se que, na evolução do latim corrente para o português, as consoantes geminadas simplificam-se, como: *peccatu*>*pecado*; *caballu*>*cavalo*; *stuppa*>*estopa*, ao passo que as consoantes simples intervocálicas alteram-se ou pela sonorização ou pela síncope, como: *pacare*>*pagar*; *amatu*>*amado*; *salute*>*saúde* e, em alguns casos, permanecem: *paucu*>*pouco*; *cautu*>*couto*; *calore*>*calor* por causas diversas.

Em muitas palavras do latim corrente, causas específicas alteraram a forma original sem cujo conhecimento não se faz a correta evolução. É o caso da palavra *bruto*. Havia *brutu* tanto no latim literário quanto no latim corrente. Se a palavra em nossa língua adviesse de *brutu*, teríamos, certamente, *brudo*, em virtude da sonorização. Como explicar-se a linguodental surda? Eis o trabalho do filólogo, a importância do pesquisador.

Serafim da S. Neto diz-nos que “Muitas palavras tinham duas formas de acordo com os dialetos latinos.”

a) com vogal longa + consoante simples: *būca, pūpa, stūpa, brūtu*

b) com vogal breve + consoante dupla: *bŭcca, pŭppa, stŭppa, brŭttu*

Observe-se o exemplo que ocorre no texto do *Satiricon*², de Petrônio: “*Hodie non buccam panis invenire potui*”.

Mas a principal causa, que explica aquelas formas geminadas, nos dá Serafim da S. Neto (apud *Fontes do Latim Vulgar*): “Na linguagem corrente ocorre geminação de caráter expressivo em várias palavras.” *Bruttu*, portanto, é o étimo de *bruto*, havendo, apenas, a simplificação da consoante geminada.

Outra não é a lição que encontramos em Ernout-Meillet in *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, pág. VIII: “Il y avait aussi des mots de

² Manuel C. Diaz y Diaz - *Antología del Latín Vulgar*. Madrid, Editorial Gredos, 1950, pág. 18.

caractère “populaire”, reconnaissables à beaucoup de traits, vocalisme radical à gémation de consonnes intérieures, etc; ces mots ont souvent une valeur affective”. E ainda: “Le vocabulaire “populaire” est aussi instable que le vocabulaire aristocratique est permanent.”

Comparemos os étimos apresentados pelos dicionários aqui mencionados:

	Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim da S. Neto
bruto	brutu	brutu	brutus	bruttus	bruttu

Vê-se que os três dicionários dão como étimo *brutu*, forma tirada ao latim literário e não ao latim corrente com a gemação, como registram o REW e Serafim da S. Neto.

Outras palavras servem-nos de exemplo:

	Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim
burrico	burricus	burriccu	burricu	burriccus	burriccu
braço	brachium	bracciu	brac(c)hium	brachium	bracciu
camelo	camelu	camellu	camellus	camëllus	camellu
pêlo	pilus	pilu	pilus	pilus	pillu
pipa	pipa	pipa	pipa	pipa	pippa
p/ vinho					
pata	etimologia obscura	origem incerta	origem onomatopaica	patta	patta
copa	cupa ou cuppa	cuppa	cuppa	cupa	cuppa

Todos os vocábulos exemplificados no quadro comparativo tiveram a consoante geminada de caráter expressivo na linguagem corrente.

O étimo de *burrico* só apareceu corretamente no dicionário de Nascentes. A. Houaiss e A. G. Cunha tiram-no da forma de uso do latim literário.

A palavra *braço*, cujo étimo *bracciu* também passou pela gemação, a par da forma *braciu*, é tirada por A. Houaiss e A. G. Cunha de *brachium* forma do latim literário onde o dígrafo ch sugeria a pronúncia de consoante aspirada do grego βραχίον. Também o REW não atualizou esse étimo.

Para a palavra *camelo* A. Houaiss dá o étimo do latim literário *camelus* tirado ao grego κάμηλος, enquanto Nascentes e A. G. Cunha dão o étimo

correto com geminação *camellu*. Serafim ensina que *camellu* é forma documentada e Ernout-Meillet (apud Dictionnaire) explicam: “A palavra veio ao latim do grego κάμηλος. Foi alterada em *camellus*.”

Quanto às palavras *pêlo* e *pipa*, constata-se que os citados dicionários, incluindo o REW, tiram-nas de *pilus* e *pipa* sem geminação, caso em que dariam outras formas em português. Serafim registra *pillu* e *pippa*, lembrando que em Horácio e Marcial já aparece a forma geminada *pillus*.

A palavra *pata* é apontada como de origem obscura, explicação que não condiz com o étimo correto *patta*, registrado por Serafim nas *Fontes do Latim Vulgar*.

Finalmente, a palavra *copa* tem o étimo correto de *cuppa* em Nascentes e A. G. Cunha, enquanto A. Houaiss admite *cupa* ou *cuppa*, formas registradas nos dicionários latinos de uso literário. A forma originária é de proveniência popular com a referida geminação. O REW também não dá o étimo atualizado.

O Tratamento do Ditongo *au* na Evolução para o Português

O ditongo *au* evoluiu para *ou* no português: *tauru*>*touro*; *mauru*>*mouro*. Paralelamente, em formas dialetais, o ditongo *au* monotongou-se em *o*: *paupere*>*popere*, surgindo, assim, algumas formas divergentes. Tal evolução já ocorria no séc. VII a. C. no falisco e no prenestino por influência úmbrica, na qual se encontra *toru* por *tauru*³.

Além de **popere* relaciona Serafim outros exemplos de monotongação do ditongo *au*: **foce* por *fauce*, *coda* por *cauda*, *Clodio* por *Claudio*, *Oreliano* por *Aureliano*, *cole* por *caule*, *godire* por *gaudire*, *lodare* por *laudare*, *odire* por *audire*⁴.

Também o Prof. Sílvio Elia nos afirma: “É normal no umbro a passagem do ditongo *au* a *o*.”⁵ Em inscrições pompeianas encontramos: “Aulus Olo suo salutem”⁶.

A monotongação do ditongo *au* em *o* explica várias palavras do português, impedindo que ocorra o absurdo de dizer-se que *pobre* proveio de *paupere*. Todos os especialistas no campo histórico, nacionais e estrangeiros, registraram

³ Serafim da Silva Neto – *A Formação do Latim Corrente*, Petrópolis, Tip. Patronato Cruzeiro, 1941.

⁴ Serafim da Silva Neto – *História do Latim Vulgar*, 1957; *Fontes do Latim Vulgar*, 3ª ed., 1956.

⁵ Sílvio Elia – *Os Elementos Osco-Umbros no Vocabulário Latino*, 1950.

⁶ Manuel C. Diaz y Diaz – op. cit., pág. 34.

o caso da monotongação. Citemos o grande Carlo Tagliavini: “O por *au* era pronuncia volgare, largamente attestata nei dialetti rurali e in Roma stessa (plostrum accanto a plaustrum; coda accanto a cauda ecc.)”⁷

Comparemos nos dicionários citados o tratamento etimológico dado ao ditongo *au* em algumas palavras.

	Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim
pobre	pauper	pauper	pauper	popere	popere
orelha	auricula	oricla	auricula	auricula	oricla
louvar	loar	loar	laudare	laudare	louar
ouvir	audire	ouir	audire	ouir	ouir

Nossos três dicionaristas tiram *pobre* da forma do latim literário *pauper*; sem atentarem para a evolução do ditongo *au* e para a existência da forma *popere*. O mesmo ocorre com a palavra *orelha* que Houaiss, A. G. Cunha e o REW tiram-na da forma literária *auricula*, enquanto Nascentes dá o étimo correto.

Lembremos que já no *Appendix Probi* registra-se *auris non oricla*, comprovando-se a forma popular monotongada.

Até as pessoas cultas, ao usarem da linguagem corrente, atestam a forma monotongada, como constatamos na carta de Cícero ao irmão Quinto, onde aparece a expressão proverbial: “*Oricula infima molliorem*” (Mais brando que o lóbulo da orelha).⁸

Em relação aos verbos *louvar* e *ouvir*, houve no latim as formas *laudare*, *audire* e *lodare*, *odire*, estas dialetais com a monotongação. Evoluíram para o português arcaico, respectivamente, para *louar* e *loar*, *ouir* e *oir*.

As formas *loar* e *oir* (de *lodare* e *odire*) foram de uso literário, predominam nos textos arcaicos e não evoluíram para o português moderno.

Já as formas *louar* e *ouir* (de *laudare* e *audire*), de uso na linguagem corrente, evoluíram, passando pelos seguintes estágios:

louar>louuar>louvar ; ouir>ouuir>ouvir

Das formas *loar* e *ouir* surgiu um fonema de transição *louuar* e *ouuir* que, posteriormente, sofreu consonantização: *louvar* e *ouvir*.

⁷ Carlo Tagliavini - *Le Origini delle Lingue Neolatine*, terza edizione, Bologna, Casa Editrice Prof. Riccardo Pátron, 1959, pág. 194.

⁸ Serafim da Silva Neto – *História da Língua Portuguesa*, pág. 197.

Outra não é a lição de Augusto Magne: “*Loar* representa o verbo *lodare*. Dá-se idêntica redução em *oir*, *coa*, *pobre*, *foz*, a par destas coexistiram outras em ditongo -ou *louar*; *ouir* e destas procedem os atuais *louvar* e *ouvir*.”⁹

Vê-se que A.G. Cunha tira *louvar* e *ouvir* da forma do latim literário *laudare* e *audire*. A. Houaiss segue-lhe a lição em *audire*.

Quanto ao verbo *louvar*, Nascentes parte da forma monotongada *loar*, que ficou no português arcaico e é seguido por A. Houaiss. Já para o verbo *ouvir*, Nascentes dá o étimo certo: *ouir*, já registrado no REW, que não é preciso em relação ao verbo *louvar*.

O Tratamento do Encontro Consonantal - TL

Sabemos que vários encontros consonantais em palavras do latim literário sofreram alterações na linguagem corrente, gerando em português um novo fonema, como é o caso advindo da palatalização.

Assim, o encontro -tl- após a síncope da vogal postônica *vetulus* > *vetlus*, na linguagem falada fora alterado para -cl-: *veclus*, surgindo, daí, a forma do português *velho*.

É antiga a lição de Tagliavini, op. cit., pág. 201: “Il nesso *tl*, che già nel Latino preistorico era passato a *cl*, (* potlom > poclom, pocŭlum) mantenne la medesima tendenza anche nel Latino volgare, quando venne a formarsi in seguito alla síncope di vocale atona, e così, come già si è accennato, *tl* nato da *t'l*, passa a *cl* (*vetŭlus* > *vetlus* > *veclus*). Questa tendenza è operante in tutto il Romano, anche in tempi posteriori.”

Idêntica explicação nos dá Serafim da Silva Neto¹⁰: “O tratamento de *tl* > *cl*, verificado no latim corrente, é velha tendência da língua. O Appendix Probi registra *vetulus non veclus*; *vitulus non viclus*; *capitulum non capiclum*”

Cita-nos Serafim um exemplo do século V, quando o médico Marcelo Empírico recomendava o suco de *ascla*, palavra tirada de *hastula* (varinha, graveto).

Dessa forma popular com o encontro -cl- recebemos a palavra *acha* (pedaço de madeira).

⁹ Pe. Augusto Magne - *A Demanda do Santo Graal*, glossário, III vol., Rio, Imprensa Nacional, 1944.

¹⁰ *Fontes do Latim Vulgar*, pág. 77.

Comparemos os étimos apresentados pelos dicionaristas citados:

	Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim
velho	vetulus	vetulu>vetlu pron. veclu	vetulus	veclus	veclu
rolha	rotula	*rocla	*rocla	—	rocla

Observemos que A. Houaiss e A. G. Cunha apresentam um étimo tirado ao latim literário, portanto, aqui, inadmissível.

Nascentes explica as formas evolutivas até o étimo da linguagem corrente. O REW registra o étimo correto.

Quanto à palavra *rolha*, com a mesma evolução do referido encontro -tl>-cl, estão atualizados Nascentes e A. G. Cunha, ao passo que o mais recente dicionário, de A. Houaiss, não registra a forma popular. O REW não apresenta este verbete.

O Aparecimento de U em vez de Ö

Já dissemos que o campo etimológico é tarefa árdua, requer, no caso da origem latina, um profundo estudo das várias camadas da linguagem corrente para a explicação de diversas palavras que têm desafiado a competência e a argúcia dos filólogos. É o caso da palavra *lugar*, cuja solução etimológica devemos a Serafim da Silva Neto.

Antes, comparemos a etimologia apresentada pelos dicionários já aqui citados:

	Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim
lugar	localis de locus	locale por locus	localis de locus	localis	lucalis

Constata-se que esses dicionaristas, incluindo o REW, dão a mesma origem, que não condiz com a história da palavra.

Serafim da Silva Neto, no capítulo *Subsídios para a reconstituição do latim corrente*, da obra *História do Latim Vulgar*, pág. 124, nos dá um dos objetivos do conhecimento da história e da cultura das línguas: “indicar algumas das tendências que se iam realizando, em graus diversos, de acordo com as condições e a educação dos grupos falantes, as épocas e os lugares.”

Diz-nos o grande filólogo que era tendência no *osco* o fechamento da vogal *o* a *u* (*dunum* por *donum*). No *sermo rusticus* ocorria a mesma alteração fônica, como em *lucus* por *lōcus*. Da base *lōcus* surgiu *localis*, enquanto de *lucus*, *lucalis*, forma que explica o termo *lugar* em português, espanhol e asturiano. De *lucus* formou-se também o verbo *alugar* (*ad* + *lucare*). Comprovando ser *lucus* forma documentada, Serafim cita Schuchardt (in *Der Vokalismus des Vulgärlateins*) e Seelmann (in *Aussprache des Latein*), op. cit., pág. 149.

Também Leite de Vasconcelos dá como étimo de *lugar* a forma **lucaris*.

Já em inscrições antigas, às vezes, se encontram formas com *u*, a par de *ō*, como exemplifica Grandgent¹¹: *lucus*

A Aparente Vocalização da Linguodental

Outro desafio a que se submeteram os etimólogos foi a origem da palavra *cadeira*. Vejamos o étimo que os nossos dicionaristas apresentam:

	Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim
cadeira	> gr. kathēdra pelo latim cathēdra	cathēdra com vocalização do -d-	cathēdra	catetra> categra	catecra

A. Houaiss, seguindo A. G. Cunha, dá como étimo a forma do latim literário, sem explicá-la, admitindo-se, daí, que a semivogal da segunda sílaba proveio da vocalização do -d-. Nascentes apresenta a forma com a alteração de quantidade que ocorreu na penúltima sílaba, mas aponta a vocalização do -d-.

Parece simples derivar *cadeira* de *cathedra*. Serafim da Silva Neto procedeu a um estudo intenso, pesquisando as alterações por que a palavra passou, até chegar ao étimo correto¹².

Traçando-lhe o roteiro, Serafim diz-nos que *cathedra* passou a *catetra* pela alteração do grupo consonantal -dr- a -tr-, fato ocorrido, por exemplo, em **taidros*>*taitros*>*taeter*, estando a forma *catetra* documentada no *Fragmentum Muratonianum*, do séc. II d. C. Tal mudança explica-se por ser a terminação -tra sentida como sufixo, assimilada, por exemplo, a *fenestra*.

De *catetra* surgiu *catecra* pela dissimilação t-t>t-c. Segundo Sommer, citado por Serafim, há exemplos dessa dissimilação tr>cr. *Catecra* já aparece em

¹¹ Grandgent, C. H. *Introducción al Latin Vulgar*, 2ª ed., Madrid, 1952, págs. 138/139.

¹² In *História da Língua Portuguesa*, 1ª ed., pág. 169.

inscrições pompeianas, afirmação esta que devemos a Serafim da Silva Neto.

Portanto, a palavra *cadeira* representa a evolução de *catecra* em que, além da sonorização -t->d-, houve, aí sim, vocalização do fonema velar /k/.

Catecra explica, também, o it. *carrega*, o calabrés *catecra* (forma esta registrada no *Dizionario Dialettale delle Tre Calabrie*, de Rohlfs), e o veneziano *cadegla*.

Meyer-Lübke no REW já registra *catetra* e *categra* e na *Grammaire*¹³ explica: “Mas o português *cadeira* e o espanhol *cadera* oferecem o mesmo tratamento que *integer* (> *integr*). A forma *cadiegro* (limosino) parece falar em favor da passagem de tr a gr.”

Conclui-se que Meyer-Lübke, com a perspicácia que o notabilizou, já admitia a evolução *catedra*> *catetra*> *categra*, antecipando-se ao estudo de Serafim da Silva Neto.

Qual a Verdadeira Origem do Verbo Deixar?

Comparemos o étimo apresentado pelos dicionaristas citados:

Houaiss	Nascentes	A. G. Cunha	REW	Serafim
deixar <laxare deix- “O étimo vem sendo objeto de contro- vérsia.” Apresenta proposta de Ascoli (delaxo) e de Corominas (contração no uso atonal: de (la)xare de fazer>dexare	alteração do ant. leixar < lat. laxare. Formas com -d: esp. dejar cat. dexar	laxare l>d. O problema não foi solucionado.	laxare “a forma com <i>d</i> é inexplicável, talvez apoiando-se em <i>dare</i> (?)	*daxare

Querendo-se tirar *deixar* de *laxare*, esbarra-se na explicação das consoantes iniciais *l* e *d*. Houve tentativas de solução, como a do grande linguísta italiano Ascoli, para quem *deixar* proviria de uma forma derivada de *laxo*, isto é, *delaxo*. Corominas, partindo da forma *delaxare*, admite que por contração

¹³ Trad. da ed. francesa: *Grammaire des Langues Romanes*, tome premier, Paris, E. Welter, Éditeur, 1890, págs 445/446.

no uso tonal, em frase, como: *de(la)xare de fazer*, passaria a *dexare*. Estas tentativas de explicação, já ultrapassadas, são as citadas por A. Houaiss.

Nascentes e A.G. Cunha mantêm o étimo *leixar*, admitindo ambos que o problema não foi solucionado. O REW procura ver relação com o verbo *dare* (?).

Serafim da Silva Neto¹⁴ apresenta dois fortes argumentos:

1°) Coexistência de formas de influência sabina junto a forma romana. Palavras do latim de Roma em que o *l* era substituído por *d*, por influência sabina e falares rurais, são comuns no uso popular: *cadamitatem* por *calamitatem*; *dacrimis* por *lacrimis*; *capitodium* por *capitolium*. Serafim cita Schuchardt no *Vokalismus des Vulgärlateins* onde se atestam exemplos como: *modestiam* por *molestiam*; *cederis* por *sceleris*.

Devido a essa influência, explica-nos Serafim: “*Daxare* teria existido em classe social diversa ao lado de *laxare*. Dessa coexistência saíram o arcaico *leixar*, usado na literatura, e *deixar*, usado nas classes humildes, o qual sobrepujou o aristocrático *leixar*. Não é **daxare* sabinismo único no latim.”

2°) A antiga influência dos sabinos, deixando traços lingüísticos no latim, é reforçada pelo fato de a península ibérica ter sido colonizada por elementos do Sul da Itália. Desse modo, conclui o Prof. Serafim que o verbo *daxare*, proveniente do Sul da Península Ibérica, viajou para a Hispânia com numerosos colonos itálicos.

Argumento ponderável, também, apresenta-nos o Pe. Augusto Magne (apud *Glossário da Demanda do Santo Graal*): “*Deixar* teria existido na linguagem do povo desde os primórdios, e só mais tarde entraria na literatura, tendo origem independente, paralela a *leixar*.”

É importante observar que na *Demanda do Santo Graal*, embora predomine *leixar*, a forma *deixar* já aparece nove vezes.

No início do séc. XIII (1209), os *Portugaliae Monumenta Historica* já registram a forma *dexare*: “Se ella *dexare* seu marido, seja deseredada.”

Seguro de sua pesquisa, Serafim da Silva Neto assim se posiciona: “De maneira que já não se pode dizer, como Leite de Vasconcelos, que a origem de *deixar* não esteja bem esclarecida”¹⁵.

Pelos exemplos tirados aos dicionários em questão e aqui analisados, pôde-se comprovar a deficiência no campo etimológico, carecendo a nossa bibliografia de uma obra confiável. Essa iniciativa caberia, principalmente, à

¹⁴ *Fontes do Latim Vulgar*. 3ª ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1956, pág. 165.

¹⁵ Idem, ibidem, pág. 172.

Academia Brasileira de Letras, que poderia fazer uma terceira edição, atualizada e ampliada, do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antenor Nascentes.

Referências Bibliográficas

BRÉAL, Michel e BAILLY, Anatole - *Dictionnaire Étymologique Latin*, 5ª ed., Paris, Librairie Hachette et Cie., 1902.

CUNHA, Antônio Geraldo da - *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio, Editora Nova Fronteira, 1982.

ELIA, Sílvio - *Os Elementos Osco-Umbros no Vocabulário Latino*, ed. 1950.

ERNOUT, A. e MEILLET, A. - *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, 3ª ed., Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951.

HOUAISS, A. - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Rio, Editora Objetiva, 2001.

MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lisboa, Editora Confluência, 1956.

MAGNE, Augusto - *A Demanda do Santo Graal* (Glossário), III vol., Rio, Imprensa Nacional, 1944.

MAROUZEAU, J. - *Traité de Stylistique Latine*, Paris, Les Belles Lettres.

MEYER-LÜBKE, W - *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, Carl Winter, Universitätsverlag, 1992.

NASCENTES, Antenor - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Rio, 1932.

————— *Dicionário Etimológico Resumido*, Instituto Nacional do Livro, MEC, 1966.

SILVA NETO, Serafim da - *Formação do Latim Corrente*, Petrópolis, Tip. Patronato Cruzeiro, 1941.

————— *Fontes do Latim Vulgar*, 3ª ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1956.

————— *História do Latim Vulgar*, Rio, Livraria Acadêmica, 1957.

————— *Manual de Filologia Portuguesa*, Rio, Livraria Acadêmica, 1952.

————— *História da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Rio, Livros de Portugal, 1952.

————— *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*, Rio, Livraria Acadêmica, 1956.

TAGLIAVINI, Carlo - *Le Origini delle Lingue Neolatine*, 3ª ed., Bologna, Casa Editrice Prof. Riccardo Pátron, 1959.